

AValiação DO POTENCIAL EMPREENDEDOR DE ESTUDANTES DE CONTABILIDADE

CAROLINA MOREIRA FERNANDES

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
karolmf3@hotmail.com

MARCIA ATHAYDE MOREIRA

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
mathayde@face.ufmg.br

JULIANA VIEIRA PEREIRA

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
julianavieirap@yahoo.com.br

Área temática: Empreendedorismo

AValiação DO POTENCIAL EMPREENDEDOR DE ESTUDANTES DE CONTABILIDADE

RESUMO

A preocupação com a forma pela qual o empreendedorismo deve ser estimulado, sobretudo entre os jovens, vem sendo foco de estudos na área contábil, tais como os de M. Athayde (2010) e Braga (2013). Assim, o objetivo da pesquisa foi avaliar e mensurar o potencial empreendedor dos alunos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com base na aplicação de um questionário elaborado e validado por R. Athayde (2009). O questionário desta pesquisa possui 21 itens e 5 níveis de avaliação e foi aplicado para 282 alunos do Curso de Ciências Contábeis da UFMG, representando 70% da totalidade de alunos do referido Curso. Na análise da validade do instrumento de pesquisa e dos resultados, foi utilizada a análise fatorial e testes não paramétricos. Os resultados mostraram que as dimensões autoconfiança, realização e liderança precisam ser estimuladas e desenvolvidas nos alunos de Ciências Contábeis da UFMG. Ademais, observou-se que os estudantes brancos possuem maior potencial empreendedor assim como os estudantes que participaram de algum programa disponibilizado pela Universidade, como projetos de iniciação científica e Empresa Júnior, e desenvolveram com maior intensidade suas habilidades empreendedoras, possuindo, assim, maior potencial empreendedor que os demais.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Ciências Contábeis; Potencial Empreendedor.

ABSTRACT

Concern about the way entrepreneurship should be encouraged, particularly among young people, has been the focus of studies in accounting, such as the M. Athayde (2010) and Braga (2013). The objective of the study was to evaluate and measure the entrepreneurial potential of Accounting course students of the Federal University of Minas Gerais (UFMG), based on the application of a questionnaire prepared and validated by R. Athayde (2009). The questionnaire of this research has 21 items and five levels of assessment and was applied to 282 students of the UFMG Accounting Course, accounting for 70% of all students of that course. In the analysis of the validity of the survey instrument and the results, we used the factor analysis and non-parametric tests. The results showed that the self dimensions, achievement and leadership need to be encouraged and developed in the students of Accounting UFMG. Moreover, it was observed that white students have greater potential entrepreneur as well as students who participated in a program offered by the University, as scientific projects and Junior Company, and developed with greater intensity their entrepreneurial skills, having thus greater potential entrepreneurial than others.

Keywords: Entrepreneurship; Accounting; Potential Entrepreneur.

AVALIAÇÃO DO POTENCIAL EMPREENDEDOR DE ESTUDANTES DE CONTABILIDADE

1 INTRODUÇÃO

Empreender envolve habilidades inerentes ao ser humano como independência, liderança, realização, capacidade de assumir riscos, criatividade, entre outras. E a sinergia das referidas habilidades entre os profissionais contribui para a exploração do papel do empreendedorismo no crescimento econômico nacional.

Nesse sentido, o tema empreendedorismo tem sido o foco de inúmeros estudos no contexto nacional e internacional. Os relatórios anuais do GEM - *Global Entrepreneurship Monitor* e do SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas -, além de pesquisas recentes, apresentam dados importantes sobre o perfil do empreendedor. Em 2012, de acordo com dados do GEM, 19,2% dos empreendedores eram pessoas com idade entre 25 e 34 anos. Já o empreendedorismo entre os jovens de 18 a 24 anos compreendia 14%. Este índice, em consonância com Bulgacov, Cunha, Camargo e Meza (2011), reflete alguns contrapontos relacionados com a juventude: etapa de transição na condição social, busca pela independência e geração interessada no trabalho.

Athayde e Martins (2012) apresentam preocupação com a forma pela qual o empreendedorismo deve ser estimulado, sobretudo entre os jovens, com o objetivo de estimular o empreendedorismo por vocação. McClelland (1972) avaliou que, além das técnicas necessárias, existem características pessoais que podem ser determinantes para o alcance do sucesso em desafios empresariais. Krueger e Brazeal (1994) e R. Athayde (2009) entendem que alguns atributos latentes aos seres humanos podem ser trabalhados para que a capacidade empreendedora seja desenvolvida, principalmente, entre os jovens. Neste contexto, está a importância de se medir esse potencial, para estimulá-lo em tempo de formar adultos e profissionais engajados e empreendedores.

Para Kuratko (2003), o empreendedorismo define-se como um processo dinâmico, de visão, mudança e criação, cuja função se estende a três estágios, quais sejam: identificação de uma oportunidade de negócio baseada em uma invenção, implementação dessa invenção e disseminação do conhecimento. No Brasil, Athayde, Colares, Rocha e Carvalho Júnior (2013), fundamentados nas ideias de David McClelland (1972), esclarecem que algumas pessoas possuem uma força interior que as leva à realização, ou seja, a empreender em função de si próprias ou de uma causa. Para R. Athayde (2013), todo indivíduo pode tornar-se um empreendedor, desde que receba os estímulos corretos.

As instituições de ensino superior têm sido o local apropriado para despertar, desenvolver ou fomentar empreendedores. Para Santos (2010), os graduandos, em geral, ingressam no ensino superior ainda sem uma carreira profissional definida e vão, ao longo de seus estudos acadêmicos, conhecendo e delineando suas potencialidades e desejos.

Aborda-se, assim, o aspecto a ser analisado neste estudo: a avaliação e mensuração do potencial empreendedor dos estudantes de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desta forma, o objetivo da pesquisa é o de mensurar o potencial empreendedor de alunos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com base na aplicação do questionário elaborado e validado por R. Athayde (2009), analisando o perfil do aluno que possui elevado potencial empreendedor, bem como realizar a comparação das informações obtidas com dados relativos a gênero, raça, idade, formação acadêmica e, também, se os respondentes fizeram parte de programas estudantis, tais como, a Consultoria Júnior da UFMG - UCJ, programas de iniciação científica ou iniciação à docência.

Vale mencionar que o questionário utilizado nesta pesquisa foi elaborado e validado por R. Athayde (2009), para pesquisa sobre o impacto, nas atitudes dos jovens, da

participação em programas estudantis (que trabalham traços relacionados ao empreendedorismo), no que diz respeito a iniciar um negócio.

Este artigo, além de analisar o impacto de programas estudantis nas atitudes empreendedoras dos estudantes de Ciências Contábeis da UFMG, contribui para o debate sobre o potencial empreendedor desses alunos e as características ou dimensões que podem ser trabalhadas para a maximização dessas potencialidades. Com os resultados, busca-se suscitar discussões sobre políticas educacionais de estímulo ao desenvolvimento das habilidades empreendedoras nos cursos de Ciências Contábeis visando contribuir para o desenvolvimento empreendedor no país. Acredita-se que tal perspectiva de investigação seja útil e relevante às instituições de ensino interessadas no ensino e aprendizagem do empreendedorismo.

Nesse contexto, Dolabela (1999, p. 23) esclarece que “ainda não existe resposta científica sobre se é possível ensinar alguém a ser empreendedor. Mas sabe-se que é possível aprender a sê-lo”. Os empreendedores inatos continuam existindo e sendo referências de sucesso. No entanto, outros podem ser capacitados para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras (Dornelas, 2005). Assim, também, desfaz-se a tese de que empreendedorismo é fruto de herança genética, ou seja, é possível que as pessoas aprendam a ser empreendedoras (Filion, 1999).

Para o alcance do objetivo do trabalho, este artigo está estruturado da seguinte maneira: a próxima seção apresenta uma revisão da literatura existente sobre empreendedorismo, potencial empreendedor e empreendedorismo na contabilidade. A seção três contém a metodologia de pesquisa, com uma descrição da população, do instrumento de pesquisa utilizado e dos testes estatísticos empregados. E, na última seção, os resultados do estudo são apresentados, inclusive, com possíveis limitações e sugestões para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empreendedorismo e Desenvolvimento

Drucker (1986), na ótica empresarial, conceitua como empreendedor o indivíduo que usa de seu espírito inovador, para transformar recursos em algo de valor econômico. Segundo esse autor, o empreendedor é o responsável por identificar recursos até então sem valor e transformá-los em riqueza.

Hecke (2011) esclarece que empreendedores criam oportunidades de empregos, introduzem e incentivam o crescimento econômico, não sendo simplesmente provedores de mercadorias ou de serviços, mas fontes de energia em uma economia em constante mudança, transformação, crescimento e inovações. O desenvolvimento econômico, em particular, prospera à medida que novas invenções são criadas e melhoradas. No contexto de melhoramento, a sociedade molda seus desejos particulares, que devem ser tomados como referência.

Para Shumpeter (1982), empreendedorismo seria a busca por realizar novas combinações, mostrando iniciativa, autoridade e capacidade de previsão, combinando os fatores produtivos. Assim, o desenvolvimento econômico poderia ser visto como a satisfação das necessidades sociais, sem a qual não haveria nenhum progresso.

Para Kuratko (2005), empreendedorismo desperta bastante interesse em todo o mundo, sendo visto como um motor da economia, criando novas empresas e permitindo o desenvolvimento econômico limitado apenas pelos limites da inteligência, imaginação, energia e coragem dos indivíduos.

Em relação ao empreendedorismo, Cruz (2005) esclarece que características como a autonomia, a criatividade e a inovação são comumente relacionadas. Também se considera que o empreendedor tem certa propensão para o risco, isto é, alguém que está disposto a se

comprometer, que gosta de desafios e que não se importa em correr riscos. O empreendedor precisa ter liderança, acreditar nas suas capacidades e possuir autoestima, sendo capaz de controlar os seus próprios objetivos e comportamentos.

É oportuno salientar que diversos estudos já trataram sobre as compreensões do empreendedorismo e de sua importância para o desenvolvimento: Say (1803), Walker (1876), Schumpeter (1934), McClelland (1961), Drucker (1964), Hayek (1974), Shapero (1975), Pinchot (1983), Hisrich (1985), Gartner (1989), Filion (1999), Henderson (2002), Adaman e Devine (2002), Kuratko (2003), Lounsbury e Crumley (2007), dentre outros, conforme pesquisa realizada por Pedroso, Massukado e Mussi (2009). No Brasil, aspectos relacionados ao empreendedorismo foram destacados em diversos estudos como no de Dolabela (1999), Dornelas (2005), Athayde e Martins (2010), M. Athayde (2013), dentre outros.

2.2 Potencial Empreendedor

Krueger e Brazeal (1994) utilizaram a perspectiva psicológica e social para conceituar e testar o potencial empreendedor. Para Krueger e Casard (1993), o ambiente favorável e as percepções conduzem crenças e atitudes de empreendedores potenciais.

Com o objetivo de conceituar potencial empreendedor, Baron e Markman (2000) realizaram os seguintes questionamentos: é possível diferenciar seguramente os empreendedores de outras pessoas? Quais fatores os diferenciam? São fatores intrínsecos à personalidade? Ou podem ser desenvolvidos nas pessoas? Em busca de respostas para essas questões, outros estudos foram realizados como o de Amit, Glosten e Muller (1993), Hisrich e Peters (2004) e R. Athayde (2009).

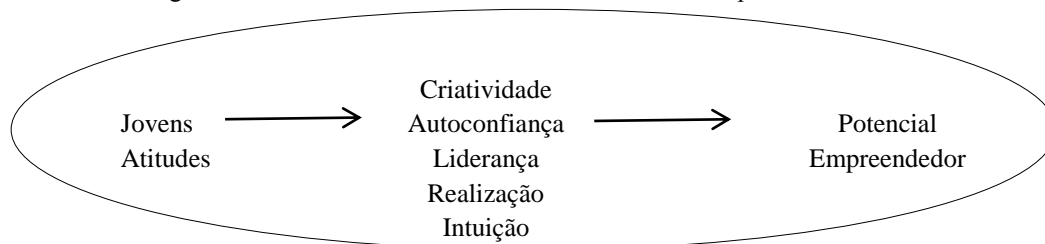
Não obstante, para Shaver e Scott (1991), as pesquisas que enfatizam os fatores relacionados com a personalidade e características demográficas tendem a negligenciar a natureza intencional da atividade empreendedora. Para os autores, identificar o potencial empreendedor parece requerer, também, uma infraestrutura cognitiva apropriada.

Palich e Bagby (1992) estudaram os empreendedores na percepção da psicologia cognitiva e afirmaram que esses indivíduos não se diferenciam dos não empreendedores no sentido de que os primeiros procurariam mais situações de resultados incertos, mas sim no sentido de que interpretam e categorizam (classificam) mais situações como tendo mais forças que fraquezas, mais oportunidades que ameaças e mais chances de ganho do que de perda. Dessa forma, quando um empreendedor procura uma atividade que pode ser ignorada ou negligenciada por um não empreendedor, ele o faz porque a percepção do empreendedor dos resultados positivos é maior, bem como possui uma maior predisposição de assumir riscos.

Para R. Athayde (2009), o potencial empreendedor é resultado da multidimensionalidade de conceitos comportamentais, cognitivos e afetivos. Nesse sentido, a referida autora realizou uma análise em três modelos que possuíam o escopo de identificar as características empreendedoras latentes ao ser humano, tais como: o *General Enterprise Tendency Test* desenvolvido por Caird (1991); o *Entrepreneurial Attitude Orientation Scale - EAO*, elaborado por Robinson (1991); e o modelo Shapero's (1982), destacando-se em suas análises o modelo EAO.

A EAO baseia-se em um modelo tripartite de atitudes: cognitivo, afetivo e comportamental. Assim, o latente ou potencial empreendedor seria operacionalizado por meio da compilação de atitudes que possuem características relacionadas ao empreendedorismo. Características essas que representam a essência de um empreendedor, como apresentado na Figura 1.

Figura 01 - Características Atitudinais do Potencial Empreendedor em Jovens



Fonte: Adaptado de R. Athayde (2009).

Com base nos modelos estudados, R. Athayde (2009) assevera que as características se entrelaçam para representar a essência dos requisitos conjunturais favoráveis para se tornar um empreendedor. Criatividade foi entendida como possibilidade de inovar; autoconfiança (iniciativa), como domínio e controle das próprias atitudes e propensões a agir; realização, como perseverança e energia; intuição, como habilidades para agir em ambientes incertos, instáveis; e, liderança, como persuasão, oportunidades e capacidades para negociar.

Para Robinson (1991), na teoria denominada como *Entrepreneurial Attitude Orientation Scale - EAO*, atitude deve ser entendida como predisposição a um determinado objeto (incluindo constructos abstratos) e dinamicidade manifestada em três sentidos interdependentes: cognição (acreditar), afetivo (emoções) e comportamento (ações). Essas características constituem o pilar tripartite do modelo EAO, base para os estudos e elaboração do questionário para a mensuração do potencial empreendedor dos jovens, proposto por R. Athayde (2009), que acredita que as características podem ser utilizadas para medir o potencial empreendedor, mormente dos jovens que tiveram contato com uma formação empreendedora. A dimensão intuição fora retirada do instrumento de pesquisa, tendo em vista que nos testes para validação, a dimensão não se apresentou como relevante.

Faz-se necessário destacar que não existe consenso na definição das características que representariam a personalidade empreendedora. Ferreira, Silveira, Capra, Pereira e Abreu (2011), em suas pesquisas, tomaram como ponto de partida os estudos de Kuratko e Hodgetts (1995), que identificaram 25 características empreendedoras de 1848 até 1982. Ferreira *et al.* (2011) partiram do ano de 1983 até o ano de 2010, complementando e comparando os achados da pesquisa com a visão dos primeiros autores. Ao final, Ferreira *et al.* (2011) identificaram 122 características empreendedoras na visão de 184 autores diferentes.

Nesse universo de possibilidades, esta pesquisa possui o intuito de utilizar as premissas identificadas por R. Athayde (2009), a partir do modelo EAO, e formalizadas por meio do questionário ATE - *Instrument to Measure Pupils' Attitudes Toward Enterprise* - para mensuração do potencial empreendedor dos alunos do curso de Ciências Contábeis da UFMG.

2.3 Empreendedorismo e Contabilidade

De acordo com Figueiredo e Fabri (2000), a contabilidade está passando por um processo de mudanças, em consonância com a dinâmica socioeconômica. O perfil do profissional da contabilidade buscado atualmente é aquele que faz parte da decisão, que auxilia os outros a tomarem decisões.

Nesse contexto, os profissionais da área contábil vêm se destacando como incentivadores do empreendedorismo. Athayde e Martins (2012) esclarecem que os contadores possuem uma posição estratégica para as empresas, no estímulo ao desenvolvimento empreendedor e no desenvolvimento econômico do país. As principais funções estão relacionadas com o planejamento, o acompanhamento da execução e controles financeiros e operacionais na empresa.

Athayde e Martins (2012) também destacam que essa vocação ainda precisa ser desenvolvida entre os contadores. Estes precisam entender e desenvolver seu potencial empreendedor para incentivar e estimular o desenvolvimento desse potencial nos empresários.

Dornelas (2005) afirma que o ensino do empreendedorismo precisa ser uma realidade em escolas e universidades brasileiras. Ele defende que qualquer indivíduo pode aprender o que é ser um empreendedor de sucesso. Não obstante, o desenvolvimento dessas potencialidades pode ser instigado ainda na formação superior (Athayde & Martins, 2012).

3 METODOLOGIA

3.1 Classificação da Pesquisa

No que se refere à pesquisa, com foco principalmente nos objetivos relacionados a este estudo, ela caracteriza-se como descritiva. Triviños (1987) expõe que os estudos descritivos não ficam simplesmente na coleta, ordenação e classificação dos dados, eles também podem estabelecer relações entre variáveis. Nesse tipo de estudo, o pesquisador necessita conhecer o assunto para, assim, analisar os resultados sem a interferência pessoal.

Em relação aos procedimentos técnicos para coleta e análise dos dados, utilizou-se o levantamento ou *survey*, tendo em vista que a pesquisa se desenvolve por intermédio de questionário aplicado aos estudantes de Ciências Contábeis da UFMG. Para Tripod (1981, p. 39), o método *survey* “[...] procura descrever com exatidão algumas características de populações designadas”. Após a coleta de dados, é feita a análise dos resultados obtidos, objetivando responder à pergunta inicial deste trabalho.

Os procedimentos metodológicos, com relação à abordagem do problema, são classificados como quantitativos, já que este estudo se caracteriza pelo emprego de quantificação tanto na coleta de informações, quanto no tratamento dos dados por meio de técnica estatística.

3.2 Técnica Estatística

Após a tabulação inicial dos dados obtidos, calcularam-se as estatísticas descritivas com vistas a descrever a distribuição das variáveis e sumarizar os resultados iniciais. Essas ações iniciais também possuem o propósito de avaliar o nível de simetria e o comportamento da dispersão dos valores em torno das médias e se a variância é maior ou menor em cada dimensão empreendedora, assumindo as séries um padrão de normalidade, ou não.

Na análise da validade do instrumento de pesquisa e dos resultados, foi utilizado programa estatístico com base nos seguintes critérios: análise fatorial e testes não paramétricos, já que as variáveis utilizadas não são aderentes à distribuição de Gauss. Dessa forma, utilizou-se o Teste U de Mann-Whitney e o Teste de Kruskal-Wallis.

De acordo com Bezerra (2009), a análise fatorial é uma técnica utilizada, na maioria das vezes, para redução e sumarização de dados, em pesquisas que trabalham com grande número de variáveis correlacionadas. A técnica identifica poucos fatores subjacentes que explicam as correlações entre um conjunto de variáveis. Em geral, a análise fatorial é utilizada para reduzir os dados, facilitar a interpretação e, ainda, explorar dimensões inerentes aos dados originais (Manly, 2008).

Para a realização da análise fatorial, faz-se necessário que exista relação entre as variáveis. Dessa forma, o teste de esfericidade de Bartlett, que testa a hipótese nula de que a matriz de correlação é uma matriz identidade, indicando assim que não há correlação entre as variáveis, foi efetuado.

O Teste KMO (Kaiser-Meyes-Olkin), por sua vez, é utilizado para testar a adequação dos dados à análise fatorial. Na maioria dos casos, para que as cargas fatoriais

sejam significativas, pode-se utilizar a rotação, seja ela oblíqua ou ortogonal. Neste trabalho, foi utilizado o método de rotação ortogonal denominado varimax.

Ao se aplicar o teste Kolmogorov-Smirnov (H_0 : os itens seguem distribuição normal/Gauss), constatou-se que todas as 21 variáveis (questões) diferem da distribuição normal ($p=0,00$). Este resultado não impossibilita a utilização da análise fatorial, já que esta técnica não exige normalidade dos dados. Porém, existe influência direta na realização dos testes de hipóteses e, por isso, optou-se pelos não paramétricos.

Em todos os testes realizados, foi considerado um nível de significância estatística de 5%. O *software* utilizado foi o STATA®.

3.3 Instrumento de Medida do Potencial Empreendedor

O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário ATE - *Instrument to Measure Pupils' Attitudes Toward Enterprise* - elaborado por R. Athayde (2009) para mensurar o potencial empreendedor entre os jovens. Nesse ponto, faz-se crítico entender as premissas utilizadas pela autora para elaboração do questionário.

O questionário engloba 18 perguntas segregadas nas dimensões liderança, criatividade, autoconfiança (iniciativa) e realização. Com o objetivo de verificar a atenção e comprometimento dos estudantes no momento do preenchimento do questionário, foram introduzidas três questões, que apresentam informações negativas e contrárias das dimensões. Por sua vez, as informações referentes a dados demográficos foram adaptadas para apresentarem as especificidades do ambiente brasileiro.

As questões contidas no questionário propõem uma autorreflexão do entrevistado, o qual exterioriza os seus sentimentos/percepções por meio de uma escala de intensidade tipo Likert de 5 pontos (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente).

A escala utilizada nesta pesquisa possui 21 itens (Q1 até Q21) e 5 níveis de avaliação e foi aplicada para 282 alunos do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, representando 70% da totalidade de alunos desse Curso. Desta iniciativa foram obtidos 215 questionários válidos; 67 questionários foram eliminados por conterem dados perdidos (questões sem resposta) em percentual superior a 5%.

As questões 1, 4, 6, 10, 12, 14 e 17 dizem respeito à dimensão liderança; as questões 2, 8, 11, 13 e 19, à dimensão realização; as questões 3, 7, 15, 18 e 21, à dimensão criatividade; e as questões 5, 9, 16, e 20, à dimensão autoconfiança (iniciativa). As questões 3, 6 e 13 foram incluídas para avaliar a atenção e o comprometimento do respondente no preenchimento do questionário, como comentado anteriormente.

Como a utilização desse instrumento é inédita no Brasil, foi necessária a tradução do inglês para o português, atentando-se para que o sentido das questões não fosse alterado. Por isso, utilizou-se a metodologia do *backtranslation*, que compreende a tradução do instrumento original para o idioma alvo e sua tradução (novamente) para o idioma original. Os resultados são comparados e, caso necessário, o processo é refeito até que o instrumento resultante contenha o mesmo significado em todo seu contexto.

Cabe ressaltar que, neste estudo, somente a validade interna do instrumento utilizado foi abordada, uma vez que já existem trabalhos que tratam sobre a validade externa do ATE - *Instrument to Measure Pupils' Attitudes Toward Enterprise* (R. Athayde, 2009).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Adequação do Instrumento de Medida do Potencial Empreendedor

Conforme análises realizadas por R. Athayde (2009), a proposição teórica do instrumento ATE - *Instrument to Measure Pupils' Attitudes Toward Enterprise* - consiste em 4 fatores (dimensões): liderança, autoconfiança (iniciativa), criatividade e realização. A literatura apresenta alguns critérios que auxiliam na determinação do número de fatores que,

invariavelmente, quando empregados em um mesmo conjunto de dados, conduz a resultados diferentes. Dentre eles pode-se citar o critério de Kaiser, critério da porcentagem da variância explicada e critério *scree test*.

R. Athayde (2009) utilizou em sua pesquisa o método Kaiser e obteve como resultado 4 fatores (dimensões) que melhor representavam a estrutura de correlação dos itens. Aplicando esse mesmo critério de extração de fatores - método Kaiser – esta pesquisa também apontou para uma quantidade de 4 fatores que explicam 58,72% da variância total, no mesmo sentido que os testes realizados por R. Athayde (2009) no Reino Unido. A Tabela 1 apresenta os autovalores antes e depois da rotação.

Tabela 1 - Autovalores

| F | Antes Rotação | | | Após Rotação | | |
|---|---------------|---------------|--------------|--------------|---------------|--------------|
| | Eigenvalue | % of Variance | % Cumulative | Eigenvalue | % of Variance | % Cumulative |
| 1 | 7,892090 | 37,580 | 37,580 | 7,097160 | 33,80 | 33,80 |
| 2 | 2,079950 | 9,900 | 47,480 | 2,668530 | 12,71 | 46,51 |
| 3 | 1,293570 | 6,170 | 53,650 | 1,407700 | 6,70 | 53,21 |
| 4 | 1,065130 | 5,070 | 58,720 | 1,157340 | 5,51 | 58,72 |

Fonte: Dados da Pesquisa.

O teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) apresentou o valor de 0,88 (boa adequação do instrumento) e o teste de esfericidade de Bartlett (*Bartlett's Test of Sphericity; Approx. ChiSquare = 2.247,08*) foi significativo ao nível de 5% de probabilidade, ou seja, rejeita-se a hipótese de nulidade (não existem correlações significativas entre as variáveis). Assim, a análise fatorial pode ser realizada pela matriz de correlações.

A Tabela 2 apresenta os fatores e as denominações extraídas conforme trabalho de R. Athayde (2009), já considerando as questões utilizadas na pesquisa realizada aqui no Brasil.

Tabela 2 - Dimensões e Carga Fatorial

| Questões | Liderança | Carga |
|----------|--|--------|
| 1 | Eu gosto de apresentar em sala de aula minha opinião sobre temas de meu interesse. | 0,6879 |
| 4 | Eu gosto de liderar os projetos desenvolvidos na UFMG. | 0,7563 |
| 6 | Eu não gosto de apresentar meu ponto de vista na sala de aula. | 0,6915 |
| 10 | Eu penso que facilmente posso persuadir meus colegas de sala de aula quando possuo uma ideia. | 0,4775 |
| 12 | Eu gosto de ser o responsável pelos projetos desenvolvidos em sala de aula. | 0,8014 |
| 14 | Eu geralmente tenho iniciativas nos projetos nos quais estou envolvido (a). | 0,6171 |
| 17 | Quando realizamos um projeto da Universidade, eu estou certo (a) que este passa a ser a minha prioridade. | 0,5437 |
| Questões | Realização | Carga |
| 2 | Eu tenho muito mais energia do que a maioria das pessoas na Faculdade (sala de aula). | 0,6098 |
| 8 | Eu tenho mais disposição que os meus colegas para desenvolver atividades em sala de aula. | 0,6943 |
| 11 | Eu geralmente auxílio meus colegas em suas atividades na Faculdade. | 0,7445 |
| 13 | Eu raramente auxílio meus colegas nas atividades da UFMG. | 0,7136 |
| 19 | Eu gosto de conhecer as regras e diretrizes do projeto executado. | 0,5753 |
| Questões | Criatividade | Carga |
| 3 | Não acredito que a criatividade ajuda no desempenho acadêmico. | 0,6237 |
| 7 | Eu gosto de disciplinas nas quais os professores utilizam ou tentam utilizar diferentes métodos de ensino. | 0,6218 |
| 15 | Acredito que alunos criativos apresentam vantagem nas disciplinas. | 0,7166 |
| 18 | Eu acredito que a criatividade ajuda no desempenho acadêmico. | 0,7029 |
| 21 | Eu gosto de disciplinas que estimulam minha imaginação e senso crítico. | 0,7660 |

| Questões | Autoconfiança (Iniciativa) | Carga |
|----------|--|--------|
| 5 | Eu não gosto de aulas em que os alunos são deixados sozinhos para continuar as atividades. | 0,7770 |
| 9 | Eu prefiro descobrir as coisas por conta própria, em vez de esperar por um professor para explicar tudo. | 0,6446 |
| 16 | Eu gosto de ter iniciativa na sala de aula, em vez de esperar o passo-a-passo pelo professor. | 0,8271 |
| 20 | Eu costumo ter iniciativa de fazer as coisas na sala de aula, em vez de esperar pelos outros. | 0,7463 |

Fonte: Dados da Pesquisa

A análise fatorial mostrou que todas as questões obtiveram cargas fatoriais superiores a 0,45, e a grande maioria, próximas a 0,60, significando boa validade interna do instrumento.

4.2 Perfil da Amostra

Para fins desta pesquisa, 215 questionários, respondidos por estudantes do curso de Ciências Contábeis da UFMG no mês de outubro e novembro de 2014, foram analisados no tocante à potencialidade empreendedora. Observou-se que 53% dos respondentes são homens e 47%, mulheres. Ademais, 5% dos respondentes possuem 18 anos ou menos; 45% possuem idade entre 19 e 22 anos; 36%, de 23 a 29 anos; e 15% possuem idade superior a 30 anos. Verificou-se que 48% se identificaram como brancos; 7%, como negros; e 46%, como pardos. Em relação à participação em algum programa disponibilizado pela Universidade, apenas 27% responderam que já participaram de iniciativas como projetos de iniciação científica, UCJ, monitoria, dentre outros. Por fim, 47% estudaram integralmente em escolas privadas; 40%, em escolas públicas; 7%, parcialmente em escolas públicas e privadas; e 6%, em escolas técnicas.

A segregação dos respondentes em participantes (ou não) de programas estudantis foi realizada com o objetivo de verificar se existe diferença do potencial empreendedor dos alunos que participam de iniciativas como programas de iniciação científica, Consultoria Júnior (UCJ), dentre outros, e daqueles que nunca tiveram experiência semelhante. Vale mencionar que, de acordo com R. Athayde (2009), estudantes que tiveram contato com programas que suscitavam o desenvolvimento de características empreendedoras apresentaram maior/melhor potencial empreendedor que os demais.

Outras informações como a escolaridade dos pais e a experiência de negócio próprio na família também foram coletadas, principalmente com o objetivo de verificar a relação do potencial empreendedor dos alunos com a sua experiência e vivência familiar. De acordo com os dados da pesquisa GEM 2012, as percepções individuais sobre oportunidades, intenção de abrir um negócio e medo de fracassar são elementos que são influenciados pela formação familiar do indivíduo.

4.3 Análises Comparativas

As médias das respostas obtidas em cada dimensão foram calculadas e estão demonstradas na Tabela 3.

Tabela 3 - Médias Dimensões

| Dimensões | Média |
|----------------------------|-------|
| Criatividade | 4,20 |
| Realização | 3,38 |
| Liderança | 3,09 |
| Autoconfiança (Iniciativa) | 3,01 |

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota-se que a maior média foi encontrada na dimensão criatividade e a menor na dimensão autoconfiança (iniciativa). O resultado encontrado para criatividade é satisfatório, uma vez que mostra que os alunos buscam ser criativos e inovadores.

Por sua vez, a dimensão autoconfiança (iniciativa) apresenta-se como um ponto a ser analisado, uma vez que, apesar de ter apresentado menor média entre as dimensões, os comportamentos que compõem essa dimensão (como proatividade) são essenciais para a construção de um empreendedor de acordo com a literatura sobre o tema. Para R. Athayde (2009), a iniciativa deveria ser um fator chave para o desenvolvimento empreendedor e, por isso, atitudes relacionadas com iniciativa deveriam ser estimuladas e desenvolvidas pelas escolas e universidades. Com base nos resultados encontrados, a iniciativa deve ser um elemento a ser desenvolvido entre os estudantes de Ciências Contábeis da UFMG, principalmente para despertar, influenciar e induzir o aluno a adotar uma postura empreendedora, e mostrar-lhes a possibilidade de desenvolver uma carreira como empreendedor.

As dimensões realização e liderança apresentaram médias próximas o que indica características importantes de um empreendedor como liderança e persuasão de pessoas, eficiência, monitoramento, realizações pessoais. Essas dimensões também podem ser estimuladas no âmbito educacional, ou seja, é relevante a adoção de um tipo de ensino crítico e contextualizado, não se limitando aos aspectos técnicos dissociados do contexto e das demandas concretas dos alunos.

O estudo realizado por R. Athayde (2009) teve como objetivo verificar o impacto nas atitudes dos jovens quando estes participavam de programas estudantis (que trabalham traços relacionados ao empreendedorismo), no que diz respeito a iniciar um negócio. Nesse sentido, como as dimensões constantes no instrumento de pesquisa no trabalho inicial de R. Athayde (2009) não foram analisadas estatisticamente de forma isolada, o confronto com os resultados aqui encontrados não pôde ser realizado.

Na Tabela 4, as médias das respostas obtidas em cada dimensão foram calculadas com base nas características dos alunos pesquisados.

Tabela 4 - Média das Dimensões Empreendedoras

| Características | Liderança | Realização | Criatividade | Autoconfiança (iniciativa) |
|---|------------------|-------------------|---------------------|-----------------------------------|
| Feminino | 3,08 | 3,41 | 4,16 | 2,99 |
| Masculino | 3,10 | 3,36 | 4,24 | 3,04 |
| 18 anos ou menos | 2,83 | 3,54 | 4,08 | 3,10 |
| 19 a 22 anos | 3,10 | 3,41 | 4,24 | 3,01 |
| 23 a 29 anos | 3,12 | 3,36 | 4,12 | 3,03 |
| Acima de 30 anos | 3,04 | 3,30 | 4,33 | 2,95 |
| Branços | 3,14 | 3,43 | 4,20 | 2,99 |
| Pardos | 3,10 | 3,39 | 4,21 | 3,05 |
| Negros | 2,54 | 2,93 | 4,09 | 2,95 |
| Escola privada | 3,07 | 3,36 | 4,09 | 2,89 |
| Escola pública | 3,06 | 3,37 | 4,30 | 3,09 |
| Parcialmente em escola privada e pública | 3,18 | 3,51 | 4,31 | 3,15 |
| Escola técnica | 3,29 | 3,45 | 4,27 | 3,29 |
| Participantes de programas estudantis | 3,32 | 3,62 | 4,23 | 3,14 |
| Não participantes de programas estudantis | 3,00 | 3,29 | 4,19 | 2,96 |
| Negócio familiar próprio | 3,23 | 3,42 | 4,25 | 3,10 |
| Ausência de negócio familiar próprio | 2,95 | 3,34 | 4,15 | 2,96 |

Fonte: Dados da Pesquisa.

Observa-se que os respondentes que possuem idade superior a 30 anos apresentaram maior média na dimensão empreendedora criatividade, enquanto os alunos que possuem 18 anos ou menos a menor média nesta dimensão. Em relação às dimensões realização e liderança, percebeu-se que os participantes em programas estudantis obtiveram maior média, e os negros, a menor média nas referidas características.

Nota-se, também, que os alunos que estudaram integralmente em escola pública apresentaram médias menores na dimensão autoconfiança (iniciativa); enquanto os alunos que estudaram em escolas técnicas, a maior média.

Como comentado anteriormente, realizaram-se, por meio de testes de hipóteses (não paramétricos), análises para verificar se existe diferença entre o potencial empreendedor dos estudantes de acordo com os seus perfis (raça, sexo, idade, renda familiar).

Em relação aos testes utilizados, Siegel e Castellan Junior (2006) esclarecem que o teste U de Mann-Whitney é um substituto para o teste t para amostras independentes, pois avalia a semelhança entre as duas séries. Nos itens gênero (Feminino ou Masculino), graduação (Ciências Contábeis ou Controladoria e Finanças), graduação anterior (Não ou Sim), negócio próprio familiar (Não ou Sim), a hipótese nula de que não há diferença entre as amostras foi aceita, ou seja, não se encontraram diferenças entre as variáveis, como demonstrado na Tabela 5. Não obstante, quando se analisou se haveria diferença do potencial empreendedor dos alunos que participaram de programas estudantis como Consultoria Júnior (UCJ), programas de iniciação científica, dentre outros e aqueles que não participaram, verificou-se que os alunos que tiveram contato com os referidos programas apresentaram maior potencial empreendedor que os demais.

Tabela 5 - Teste U - Mann Whitney

| Variáveis | P - Value |
|--|-----------|
| Sexo (Feminino x Masculino) | 0,4012 |
| Graduação (Contábeis x Controladoria e Finanças) | 0,4731 |
| Graduação ou pós anterior (Sim x Não) | 0,4981 |
| Negócio familiar próprio (Sim x Não) | 0,3208 |
| Participação programas estudantis (Sim x Não) | 0,0060 |

Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados encontrados estão parcialmente em consonância com os apresentados por R. Athayde (2009) no Reino Unido e na África do Sul. Na pesquisa efetuada pela referida autora no Reino Unido, apenas participar em Programa Empresarial Estudantil e ter um dos pais como administrador(a) do próprio negócio foram significativas. Participantes de um Programa Empresarial Estudantil estiveram mais inclinados a ter como aspiração um emprego próprio no futuro do que os não participantes. É interessante observar segundo a autora que eles (alunos participantes de Programas Empresariais Estudantis) também estariam menos predispostos a desejar um trabalho em uma pequena empresa. Estudantes com um dos pais na administração do próprio negócio estiveram significativamente mais propensos a optar pelo empreendedorismo do que aqueles sem pelo menos um dos pais nas mesmas condições. Eles ainda estiveram menos tendenciosos a considerar o emprego em um pequeno negócio.

Nesta pesquisa, realizada com estudantes de Ciências Contábeis da UFMG, observou-se que os alunos que possuíam disciplinas relacionadas ao empreendedorismo apresentaram maior potencial empreendedor que os demais. Tal circunstância pode estar relacionada ao fato de que características empreendedoras como liderança, iniciativa, realização, criatividade, dentre outras são constantemente estimuladas e desenvolvidas pelos

programas de iniciação científica, bem como pelas Consultorias Juniores (como por exemplo, a UCJ).

Em relação ao negócio familiar próprio, este estudo encontrou diferenças com o realizado por R. Athayde (2009) e Davies (2002), vez que os estudantes que possuem experiência familiar negocial (os pais possuem ou já possuíram o próprio negócio) não apresentaram maior potencial empreendedor que os estudantes que não possuem referida experiência. Uma das razões para a diferença pode estar relacionada às dificuldades de se ter o próprio negócio no Brasil (como burocracias, alta carga tributária).

Em relação ao gênero dos respondentes, os resultados se alinham à pesquisa GEM, na qual no Brasil homens e mulheres possuem iniciativa empreendedora semelhante, conforme informações do GEM 2012. Ademais, está na mesma linha dos resultados encontrados por R. Athayde (2009), no qual o gênero não foi significativo para diferenciar o potencial empreendedor entre os jovens.

Em relação aos dados que apresentaram mais de dois níveis de análises (idade, raça, renda familiar e formação acadêmica do Ensino Médio) o teste de Kruskal-Wallis foi o utilizado, seguido do teste de Dunn, que foi utilizado nas situações em que o teste de Kruskal-Wallis apresentou-se significativo, para se encontrar a diferença.

No presente trabalho, as variáveis relacionadas à idade, à renda familiar e à formação acadêmica do Ensino Médio não apresentaram diferenças significativas em relação ao potencial empreendedor. Não obstante, em relação à raça foram encontradas diferenças significativas, conforme apresentado na Tabela 6.

Tabela 6 - Teste Kruskal-Wallis

| Variáveis | Probability |
|------------------------------------|-------------|
| Idade | 0,9024 |
| Formação acadêmica do Ensino Médio | 0,6177 |
| Renda familiar | 0,5648 |
| Raça | 0,0444 |

Fonte: Dados da Pesquisa

Em relação à raça, identificou-se que os brancos possuem maior potencial empreendedor que os pardos e negros. Por sua vez, os pardos possuem maior potencial empreendedor quando comparados aos negros. Esse resultado é diferente do encontrado por R. Athayde (2009). Na pesquisa efetuada por R. Athayde (2009), os negros apresentaram maior potencial empreendedor que os brancos e asiáticos. Ademais, os resultados aqui encontrados também diferem dos encontrados nas pesquisas de Walstad e Kourilsky (1998) e Louw (2003). Segundo estes autores, os jovens afrodescendentes nos Estados Unidos apresentaram um desejo maior pelo negócio próprio do que outros grupos étnicos e estudantes de graduação afrodescendentes.

Nos estudos de Walstad e Kourilsky (1998) e Louw (2003), os negros demonstraram traços empreendedores mais fortes do que seus pares de origem caucasiana ou asiática. No Brasil, a diferença encontrada quando se compara os resultados obtidos com pesquisas em outros países poderia ser explicado pelos incentivos proporcionados pelo governo para essa parcela da população (negros), como incentivos em Universidades e concursos públicos. Em relação a essa característica, outros trabalhos poderiam ser realizados para confirmar as informações, uma vez que a quantidade de estudantes negros que estudam atualmente no Departamento de Ciências Contábeis é pequena.

Não houve diferença significativa do potencial empreendedor entre as faixas etárias, demonstrando que, de forma geral, todas as faixas mantiveram elevados escores. Em

relação à formação acadêmica do Ensino Médio e renda familiar, observou-se que não houve diferença significativa no potencial empreendedor obtido. Vale mencionar que nos estudos de R. Athayde (2009), aqueles estudantes que cursaram, mesmo que parcialmente, o Ensino Médio em instituições particulares, obtiveram maior potencial empreendedor que os demais. O resultado encontrado por R. Athayde (2009) está em consonância com o encontrado por Curran e Blackburn (1990) que identificou que estudantes de escolas particulares tinham uma atitude mais positiva a respeito de administrar um negócio no futuro do que aqueles que frequentavam escolas estaduais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou validar e mensurar o potencial empreendedor dos alunos do curso de Ciências Contábeis da UFMG. A pesquisa foi classificada como descritiva, com abordagem quantitativa. Para mensurar o potencial empreendedor, foi utilizado o instrumento proposto por R. Athayde (2009) com algumas adaptações pontuais, composto por 21 perguntas e validado anteriormente no Reino Unido e na África do Sul. O teste ATE foi desenhado de modo a avaliar o *potencial* empresarial latente em estudantes por meio da mensuração de suas *atitudes* em relação a conquistas, controle pessoal, criatividade, liderança e intuição. Esses construtos, discutivelmente, combinam-se para representar a essência do que é necessário para se tornar um empreendedor, dada a existência de fatores situacionais favoráveis. Para a análise estatística, utilizou-se da estatística descritiva e multivariada, bem como foram realizados testes não paramétricos.

Assim como em estudos prévios (especialmente Peterman e Kennedy, 2003; R. Athayde 2009), esta pesquisa verificou que a participação em um programa empresarial influenciou positivamente o desejo pela administração do próprio negócio.

As dimensões utilizadas para mensurar o potencial empreendedor dos estudantes do curso de Ciências Contábeis foram: liderança, criatividade, autoconfiança (iniciativa) e realização. Estas dimensões explicam 58,72% da variância total, ou seja, são características que devem ser consideradas ao se analisar o potencial empreendedor de estudantes.

As dimensões autoconfiança (iniciativa), liderança e realização, no contexto da pesquisa realizada, podem ser estimuladas nos alunos de graduação em Ciências Contábeis da UFMG, uma vez que foram as dimensões que apresentaram menores médias (3,01, 3,09 e 3,38, respectivamente). Nota-se que a educação empreendedora deve centrar no desenvolvimento de habilidades que facilitem a tomada de decisões, as quais englobam capacidade de inovar, assumir riscos e resolver problemas.

Em relação ao potencial empreendedor dos estudantes de Ciências Contábeis da UFMG, foram identificadas diferenças nas análises relacionadas à raça e em relação à participação em programas estudantis (Consultoria Júnior, iniciação científica, dentre outras). De acordo com os resultados obtidos, os alunos brancos, bem como aqueles que participaram de algum programa estudantil disponibilizado pela UFMG, apresentaram maior potencial empreendedor que os demais. O resultado encontrado ratifica em parte o encontrado por R. Athayde (2009) em sua pesquisa realizada no Reino Unido e África do Sul.

Acredita-se na relevância em analisar as características dos alunos, traços de personalidade, conhecimentos e habilidades. Buscar compreender o histórico, os interesses e as expectativas dos discentes parece ser algo necessário aos que atuam com o empreendedorismo, especialmente no campo do ensino e aprendizagem. Vale observar que o conhecimento representa o que as pessoas sabem a respeito de si mesmas e sobre o contexto que as rodeia, sendo influenciado por seu ambiente físico e social, por suas necessidades e experiências anteriores.

Com base nos resultados encontrados, nota-se que aspectos relacionados à liderança e autoconfiança (iniciativa) precisam ser desenvolvidos nos estudantes de Ciências

Contábeis da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em relação à liderança, comportamentos que visam *persuadir outros* por meio de habilidades e atributos como *persuasão, negociação, planejamento e tomada de decisão* precisam ser desenvolvidos. Por sua vez, autoconfiança (iniciativa) pode ser trabalhada no estímulo para a criação de novos negócios. Destaca-se, assim, a necessidade de realizar discussões sobre políticas educacionais de estímulo ao desenvolvimento das habilidades empreendedoras nos cursos de Ciências Contábeis visando contribuir para o desenvolvimento empreendedor no país.

Por fim, esclarece-se que esta pesquisa enfatizou as análises sobre o potencial empreendedor dos estudantes do curso de Ciências Contábeis da UFMG, observando as dimensões que precisam ser desenvolvidas em sala de aula. Outras pesquisas podem ser realizadas principalmente no que concerne aos elementos que podem ser desenvolvidos na formação empreendedora dos alunos. Políticas que fomentem o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos podem ser pesquisadas. Ademais, a comparação dos resultados aqui obtidos com alunos de outras instituições, bem como de outros cursos podem ser objeto de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- Amit, R., Glosten, L., Muller, E. (1993). Challenges to theory development in entrepreneurship research. *Journal of Management Studies*, 30(5), p. 815-834, 1993.
- Athayde, M. (2010). *Relação entre características empreendedoras e múltiplas inteligências: um estudo com contadores de Minas Gerais*. Tese de doutorado em Controladoria e Contabilidade, Faculdade de Economia Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Athayde, M., Martins, G. A. (2012). Educação Empreendedora em Contabilidade. *Revista Brasileira de Contabilidade*, 7(193), 41-64.
- Athayde, M., Colares, A. C. V., Rocha, P. M., Carvalho Junior, L. E. (2013). O ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação em ciências contábeis. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 12(35), 20-24.
- Athayde, R. (2009). Measuring enterprise potential in young people. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(2), 481-500.
- Baron, R.A., Markman, G.D. (2000). Beyond social capital: The role of social competence in entrepreneurs' success. *Academy of Management Executive*, 14(1), 106-1160.
- Bezerra, F. A. (2009). *Análise Multivariada: para os cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia*. São Paulo: Atlas.
- Braga, J. (2013). *Motivações no empreendedorismo social*. Dissertação de mestrado em Gestão de Serviços, Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Bulgacov, Y. L. M., Cunha, S. K., Camargo, D., Meza, M. L. (2011). Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou fuga da exclusão. *Revista de administração Pública*, 45(3), 13-18.
- Caird, S. (1991). Testing enterprise tendency in occupational groups. *British Journal of Management*, 12, 177-186.
- Cruz, C. F. (2005). *Os motivos que levaram a ação empreendedora conforme o ciclo de vida das organizações. Um estudo de caso: Pramp's lanchonete*. Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Curran, J., Blackburn, R.A. (1990). Youth and the enterprise culture. *British Journal of Education and Work*, 4(1), 31-45.
- Davies, H. (2002). A review of enterprise and the economy in education. *Howard Davies Review Team*. February 2002.
- Dolabela, F. (1999). *Pedagogia Empreendedora* (1a ed.). São Paulo: Editora de Cultura.
- Dornelas, J. C. A. (2005). *Transformando ideias em negócios* (5a ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.

- Drucker, P. F. (1986). *Innovation and entrepreneurship*. New York: Harper Business.
- Ferreira, L. F. F., Silveira, F. A., Capra, L. P., Pereira, L. S., Abreu, M. A. S. S. (2011). Desde os primórdios até hoje em dia: Será que o Empreendedor ainda faz o que o Schumpeter dizia? Evolução das características Empreendedoras de 1983 a 2010. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de PósGraduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 35.
- Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *RAUSP*, 34(2), 05-28.
- Figueiredo, S.; Fabri, P. E. (2000). *Gestão de empresas contábeis*. São Paulo: Atlas.
- Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2012 e 2013. Disponível em: http://www.ibqp.org.br/img/projetos/downloads/arquivo_20120705122320.pdf. Acesso em: 02 dez 2014.
- Hecke, A. P. (2011). *A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração e ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR*. Dissertação de mestrado em Contabilidade, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Hisrich, R. D., Peters, M. P. (2004). *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman.
- Krueger, N. F., Brazeal, D. V. (1994). Enterprise potential and potential entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18(3), 91–104.
- Krueger, N. F., Casurd, A. (1993). Entrepreneurship intentions: Applying the theory of planned behaviour. *Entrepreneurship & Regional Development*, 5, 315-330.
- Kuratko, F. D. (2003). Enterprise education: Emergencing trends and challenges for the 21st century. *Coleman Foundation White Paper Series for the U.S. Association of Small Business & Entrepreneurship*.
- Kuratko, F. D. (2005). The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29 (5), 577-598.
- Kuratko, D. F., Hodgetts, R. M. (1995). *Entrepreneurship: a contemporary approach*. The Dryden Press series in management, Texas, USA.
- Louw, L., (2003). Entrepreneurial traits of undergraduate students at selected South African tertiary institutions. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 9(1), 5-26.
- Manly, B. J. F. (2008). *Métodos estatísticos multivariados: uma introdução* (3a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Mccelland, D. (1972). *Sociedade Competitiva*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.
- Palich, L. E., Bagby, D. R. (1992). Cognitive process: is the entrepreneur diferente? *Frontiers os entrepreneurship research*, 106-117.
- Pedroso, J. P. P., Massukado, N. M. S.; Mussi, F. B. (2009). A relação entre o jeitinho brasileiro e o perfil empreendedor: possíveis interfaces no contexto da atividade empreendedora. *Revista de Administração Mackenzie*, 10(4), 20-24.
- Peterman, N.E. & Kennedy, J. (2003). Enterprise education: Influencing students perceptions of entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 28, 129-144.
- Robinson, P. B. (1991). An attitude approach to the prediction of entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 15, 13-31.
- Santos, M. M. (2010). *Profissão e carreira: relações entre escolhas por cursos de graduação e âncoras de carreira*. Dissertação de mestrado em Administração, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoças, PR, Brasil.
- Schumpeter, J.(1982). *The theory of economic development*. EUA: Harvard University Press.
- Shapero, A. (1982). *The social dimensions of entrepreneurship*. in C. Kent, D. Sexton & K. H. Vesper (Eds.). *The Encyclopedia of Entrepreneurship*. (72-90). Prentice-Hall.

- Shaver, K.G., L.R. Scott. (1991). Person, process, choice: The psychology of new venture creation. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 1 (2), 23-46.
- Siegel, S., Castellan Junior, N. J. (2006). *Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Tripodi, T. (1981). *Análise da pesquisa social: Diretrizes para o uso de pesquisa em serviço social e ciências sociais* (2a ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Walstad, W.B. & Kourilsky, M.L. (1998). Entrepreneurial attitudes and knowledge of black youth. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 13, 5-18.